

Uwe Böschemeyer

# Qual o seu tipo de PERSONALIDADE?

Guia fácil do eneagrama





**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Böschemeyer, Uwe

Qual o seu tipo de personalidade? : guia fácil do  
eneagrama / Uwe Böschemeyer ; tradução de Enio Paulo  
Giachini. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2018.

Título original : Das heitere Enneagramm : eine  
verständliche und humorvolle Typenlehre  
ISBN 978-85-326-5723-7 – Edição digital

1. Eneagrama 2. Personalidade

I. Título.

17-05763

CDD-155.26

Índices para catálogo sistemático:

1. Eneagrama : Personalidade : Tipologia : Psicologia

155.26

© 2013 Ellert & Richter Verlag GmbH, Hamburg  
Edição brasileira publicada por intermédio da Agência Mundt, Düsseldorf,  
Alemanha.

Título do original em alemão: *Das heitere Enneagramm. Eine verständliche  
und humorvolle Typenlehre*, Uwe Böschmeyer

Direitos de publicação em língua portuguesa:

2018, Editora Vozes Ltda.

Rua Frei Luís, 100

25689-900 Petrópolis, RJ

[www.vozes.com.br](http://www.vozes.com.br)

Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

## CONSELHO EDITORIAL

### **Diretor**

Gilberto Gonçalves Garcia

### **Editores**

Aline dos Santos Carneiro

Edrian Josué Pasini

Marilac Loraine Oleniki

Welder Lancieri Marchini

### **Conselheiros**

Francisco Morás

Ludovico Garmus

Teobaldo Heidemann

Volney J. Berkenbrock

**Secretário executivo**

João Batista Kreuch

---

*Editoração:* Leonardo A.R.T. dos Santos

*Diagramação:* Sandra Bretz

*Revisão gráfica:* Fernando Sergio Olivetti da Rocha

*Capa:* Sheilandre Desenv. Gráfico

*Ilustrações:* Alexandre Maranhão

ISBN 978-85-326-5723-7 (Brasil – Edição digital)

ISBN 978-3-8319-0544-7 (Alemanha – Edição impressa)

Editado conforme o novo acordo ortográfico.

# Sumário

*Introdução aos nove tipos*

*E como ficam nossas peculiaridades?*

*Observações prévias acalentadoras sobre o eneagrama*

## **Os nove tipos**

O reformador

O auxiliador

A pessoa de sucesso

O romântico

O observador

O leal

O caçador de felicidade

O chefe

O original

*Um incidente criado com as cinzas*

*Ao volante é possível conhecê-los*

*Conclusão*

*Referências*

*O eneagrama*

# Introdução aos nove tipos

Penso que já é tempo de começarmos a lidar uns com os outros com mais cordialidade, pois vivemos numa época que exige de nós mais do que convém ao nosso ânimo.

Um dos principais requisitos para haver maior cordialidade é o conhecimento do ser humano. É bem verdade que no século XX vivenciamos muita coisa sobre nós mesmos, todavia priorizamos mais nosso lado obscuro em detrimento de nosso lado lúcido. Talvez isso tenha sido importante e necessário, do contrário não teríamos encontrado diversas fontes de nossos problemas. Mas, para além de todos os meandros profundos de nossa alma, parece-me que não buscamos suficientemente o lado bem-humorado, alegre e sereno da vida.

Para tomar pé realmente do que devemos levar em consideração sobre alguém, é importante não ignorar seus pontos fracos, porém mais importante é visualizar bem suas *possibilidades reais*. Se eu interpelo alguém dessa forma, logo verei a pessoa se abrir e voltar-se para aquilo que ela é em realidade. Um pequeno exemplo:

Seguidamente encontrava-se sentado diante de mim um homem de boa aparência, mas um tanto inibido, muitas vezes com o canto da boca pendido. Senti que ele pareceria muito mais amável se – de acordo com suas possibilidades – submetesse esses traços de seu rosto a uma mudança de direcionamento. Ele poderia fazer uma caminhada por alguma rua conhecida de Hamburgo por uma meia hora, reparando e estudando as reações das pessoas à sua nova aparência. Vocês podem imaginar sua reação a essa ideia incomum.

Quando chegou para a seguinte sessão, ele sorria um pouco perturbado e logo disse: “Como o senhor deve ter percebido, na última vez que estive aqui fiquei muito irritado com a sugestão que o senhor me fez. Apesar disso, experimentei fazer o que me aconselhou. O ‘sucesso’ foi estupendo. Há muitos anos não me sentia tão bem-aceito e tratado com cordialidade por tantas pessoas, em tão curto espaço de tempo. Compreendi algo muito importante”.

A doutrina tipológica do eneagrama (em grego, nove transcrições) é um importante modo de acesso a um conhecimento que ficou inacessível por um muito tempo. Como disse um conhecedor do assunto, essas nove faces são um “achado para a psicologia”.

É muito provável que o eneagrama provenha da tradição da sabedoria oriental. O certo é que George Ivanovitsch Gurdjieff (1877-1940), um mestre espiritual, tornou-o acessível ao Ocidente. Mas só bem recentemente ele acabou difundido pelo mundo afora. O eneagrama descreve nove modelos de personalidade, que se distinguem no *pensar*, no *sentir* e no *agir*. Isso significa que cada tipo vê o mundo de uma maneira diferente do outro; portanto, a cada vez de uma perspectiva diversa. Se essas “nove faces da alma” nos fossem familiares, se as observássemos, respeitássemos e dela tirássemos conclusões concretas, o trato conosco e com os outros seria muito mais fácil, a vida seria mais leve.

1) O *reformador* não se conforma facilmente com aquilo que está dado. Ele quer mudança – modificar a si mesmo e de preferência o mundo todo.

2) O *auxiliador* precisa ser necessário. O que faz sentido para ele é estar sempre disponível para ajudar os outros.

3) A *pessoa de sucesso* quer ser admirada. E para isso ela produz muito.

4) O *romântico* ama o que é especial. Por isso, se põe à caça do

tesouro distante.

5) O *observador* precisa de distância, de si, dos outros e da vida.

6) O *leal* busca a comunhão com os outros. Comunhão é a base fundamental de sua vida.

7) O *caçador de felicidade* é alegre e sereno. Para ele não há nada mais importante do que a busca de prazer, alegria e felicidade.

8) O *chefe* quer liderar; ele é forte, consciente da responsabilidade e decidido.

9) O *original* é aquele que vive “tranquilamente na terra”; entrega-se prazerosamente a seu mundo interior, onde ele se sente em casa.

O eneagrama não é apenas uma teoria. São muitas figuras oníricas típicas que o confirmam. Isso também é visível a todo aquele que lida profissionalmente com pessoas e não se exime de avaliar a veracidade desse tesouro do conhecimento humano.

Conhecedores sérios têm certeza de que a doutrina das “nove faces da alma” não é uma moda passageira, mas segundo todas as perspectivas irá compor o rol dos mais seguros conhecimentos psicológicos dos próximos decênios.

Eu já trabalho com o eneagrama há muitos anos. Ele me desafia não apenas a observar atentamente armadilhas e emboscadas, fraquezas e ameaças, mas também e de modo especial, dons, preferências e possibilidades. Pois, na medida em que uma pessoa reconhece, sente e trabalha os *dois* polos que compõem seu tipo, irá modificar sua vida.

Para mim e meus clientes, o eneagrama tem prestado grande auxílio. Também meus colaboradores e alunos não o dispensam nem um dia sequer. Mesmo assim, sempre que apresento essa ideia em algum evento, deparo-me imediatamente com o ceticismo de



alguns. Mas logo que eles o conhecem mais de perto, ficam admirados com sua precisão.

Já escrevi, anteriormente, um livro sobre o eneagrama<sup>[1]</sup>. Todavia, sempre me vi tentado com a ideia de escrever um livro mais divertido sobre o tema. Há duas razões para isso: Por um lado, com o avançar da idade, começo a experimentar um lado mais alegre, sereno e leve da vida, tanto em mim quanto nos outros. Por outro, observei algumas manifestações divertidas dos diversos tipos, ligadas com um humor mais ou menos espirituoso. Por tudo isso, resolvi finalmente levar a efeito esse desejo.

---

[1]. BÖSCHEMEYER, U. *Vom Typ zum Original – Die neun Gesichter der Seele. Und das eigene Gesicht.* BoD, Norderstedt.

# E como ficam nossas peculiaridades?

Sem ser uma afirmação irônica, certa vez o grande conhecedor da natureza humana C.G. Jung disse que “a individualidade é uma dessas fatalidades contingentes que, por causa de sua importância prática, são supervalorizadas; não pertence àquelas realidades gerais sumamente claras e que por isso se impõem por si mesmas”<sup>[2]</sup>. Sem querer sondar os pressupostos dessa afirmação, considero-a extremamente libertadora. Por quê? Porque essa frase afirma que a peculiaridade própria de uma pessoa humana não deve ser compreendida de forma tão radical como a gente normalmente pensa. Ao contrário, ela insere o indivíduo na grande família humana. Quero demonstrar o que isso significa através de um exemplo tirado do universo animal:

Imagine um lugar onde vinte cães pulam e brincam. Você vê cães e nada mais que cães. Você consegue distinguir, talvez, forma, cor e curso dos movimentos, mas todos são cães entre cães. Todos pertencem à *espécie* cães.

Olhando com mais atenção, você percebe, porém, que os sete cães próximos a você, os cinco no meio da praça, os quatro no final e os quatro bem à direita se parecem. Quem alguma vez conviveu com cães sabe que seis deles são vira-latas, cinco são *dogs*, quatro são são-bernardo e os outros são bassê. Já se fala de *tipologia*.

Se você prestar mais atenção aos cinco *dogs*, por exemplo, perceberá que se parecem; mas mesmo assim, cada um é diferente dos outros. Cada um é único – e como poderia ser diferente? –, um

*indivíduo.*

Queiramos ou não, o que se aplica às outras cocriaturas serve também para nós, seres humanos.

É bem verdade que concordamos que todos pertencemos a uma mesma *espécie*. Dificilmente se poderá negar esse fato. Concordamos plenamente inclusive que temos uma *característica própria*. Mas se alguém se atrever a afirmar que, além disso, pertencemos a um *tipo*, logo recebe o *cartão vermelho*.

Todavia, desde a Antiguidade, os pesquisadores têm procurado reunir num conjunto os diversos modos de comportamento das pessoas em tipologias fundamentais conjunturais, e isso com a intenção venerável de auxiliá-las no corpo e na alma, e *não* para poder classificá-los em categorias como se fossem “gavetas”.

---

[2]. JUNG, C.G. *Heros und Mutterarchetyp* (Grundwerk, vol. 8), p. 13.

# Observações prévias acalentadoras sobre o eneagrama

Não, ninguém de nós *é* um tipo – muito embora existam tipos! –, mas cada um de nós tem um tipo. Vejo um grande valor nessa afirmação! É por isso também que nenhum de nós é o “primeiro”, o “quinto” ou o “nono”. Na minha opinião, quem se serve desses conceitos não faz justiça ao interesse primordial do eneagrama. E qual seria esse interesse? De modo mais profundo que antes – atravessar o invólucro de nossa tipologia na direção de nosso núcleo, para deixar transparecer e nos permitir visualizar nossa individualidade, nossa originalidade, nosso si-mesmo e tirar proveito disso.

Quem consegue compreender que é detentor de um determinado tipo, compreende igualmente que pertence a ele uma série de inclinações, modos de pensar, sentir e agir, pelos quais ele não precisa se desculpar simplesmente porque outras pessoas se comportam de maneira diversa, pois têm uma outra tipologia. (Não é evidente, p. ex., que um bassê é muito mais belicoso que um são-bernardo?)

O fato de que nós, como as plantas e os animais, pertencemos tanto a uma espécie quanto a um tipo, e que, além disso, somos indivíduos como as outras criaturas, isso é ofensivo apenas para quem não leva suficientemente a sério essa realidade. Mas será que ali não restará suficiente liberdade de configuração para nós, seres

humanos, nem se poderá ser mais humano que antes? Será que isso não é um desafio importante?

Queiramos ou não – todo e qualquer ser humano faz parte de *um* tipo. (Será que um vira-lata pode se transmutar num *dog*?) Todavia, cada um é influenciado pelo seu tipo próximo; assim, por exemplo – a “pessoa de sucesso” é influenciada pelo “auxiliador” ou pelo “romântico”. Mas quanto mais maduro se vai se tornando um ser humano, quanto mais for ampliando a formação de sua personalidade, tanto mais intensamente vivenciará as possibilidades ligadas às outras tipologias, e então já não será tão fácil “tipificá-lo”.

Mas uma coisa é certa: nenhum tipo é “pior” ou “melhor” do que o outro, é apenas diferente. Se alguém chegasse à ideia bizarra de querer estabelecer diferenças qualitativas, poderia se dizer que, muito provavelmente, essa pessoa sofre de baixa autoestima.

Talvez você já saiba a que tipo pertence. No caso de ainda não saber, será preciso tempo para encontrar sua própria tipologia. Não se detenha na primeira impressão. O que está em questão aqui não é um “esporte psíquico”; embora queiramos nos tornar mais divertidos e serenos, essa é uma oportunidade muito séria. Se esse pequeno livro não o ajudar suficientemente a desvendar sua própria tipologia, então você deverá estudar a literatura mais aprofundada sobre o tema ou conversar com alguém mais familiarizado com o eneagrama.

Nesta obra não quero apresentar a você uma introdução esmiuçada do eneagrama nem explicar de forma abrangente seu próprio tipo. Mas pode ser que este livro o encoraje a afrontar a montanha de livros sobre eneagrama que têm surgido nos últimos tempos.

A vida humana, como qualquer outra, está tencionada entre dois polos. Por isso, cada um de nós não é nem anjo nem demônio, mas apenas e precisamente um ser humano. Enquanto perambulamos por

esse globo, vivemos entre o campo de tensão do claro e do escuro, do sucesso e do fracasso, da afirmação da vida e de sua negação. Por isso, o objetivo de nossa vida só poderá consistir em *aproximar-nos* o máximo possível do polo positivo da vida.

Aquelas passagens, portanto, nas quais me dedico a colocar os “tipos” sob a lupa da crítica referem-se a desenvolvimentos posteriores. Estar totalmente livre disso seria pura ilusão. Além do mais, significaria deixar de trabalhar em sua personalidade.

Não se admire se, “de algum modo”, todos os tipos lhe parecerem conhecidos. Não poderia ser diferente. Pois sabe-se que pertencemos à espécie humana, e por isso somos parecidos e aparentados uns com os outros.

E, por favor, não remeta a si mesmo todas as propriedades do modelo de personalidade descritas ao qual você se sente pertencente. Pois naturalmente você as codeterminou como indivíduo.

Na descrição do eneagrama que se segue não apresento pessoas *concretas*, mas apenas modos de ser e de comportamento condicionados tipologicamente, como se pode observar nos diversos tipos.

Finalmente podemos começar. E alegro-me com isso, pois o “reformador” é o tipo ao qual eu próprio pertença.

# Os NOVE TIPOS





**O reformador** não se conforma facilmente com aquilo que está dado. Ele quer mudança – modificar a si mesmo e de preferência o mundo todo.



# O reformador

Posso começar contando algo engraçado?

“Aconteceu alguma coisa?” – pergunta o dono do bar a um homem jovem, que olha tristemente para seu copo. A contragosto, o que fora interpelado se volta para aquele que sentia pena dele e lhe diz: “Há três meses morreu meu avô e me deixou de herança 90.000 euros”.

“Mas isso é fabuloso – pensou o dono do bar –, eu sonho com isso há muito tempo. Onde está o problema nisso?”

A ruga na testa do jovem rapaz se torna um sulco: “Há dois meses morreu minha tia e me deixou de herança 120.000 euros”. O dono do bar perdeu os bons modos, soltou um breve assovio e perguntou: “Pelo amor de Deus, por que você está tão perturbado?”

Então o jovem responde ao dono do bar, atônito: “Pois o Senhor sabe quantas heranças eu recebi no último mês? Nenhum centavo sequer, nada!”

Você certamente já desconfia com que estamos às voltas. Com alguém que tem a *tendência* de querer ser sempre mais, ter sempre mais, e poder sempre mais, com uma pessoa para a qual nada é suficiente. Por isso, ele tem a inclinação de aperfeiçoar, levar à perfeição, ou pelo menos reformar, tudo que se refere a ele e ao mundo: Conhecimento e amor, posses e sucesso, reconhecimento e vivências prazerosas, poder e influência, saúde e energia etc. Nada é suficiente para ele. Tudo tem de ser mais elevado e mais profundo, maior e mais amplo, ou propriamente tudo tem de ser mais perfeito. Não há nada que lhe desagrade tanto quanto as coisas “mais ou menos”.

As consequências dessa visão heroica de si mesmo e do mundo:

o reformador tende a irritar-se e a aborrecer-se com aquilo que não corresponde a seus desejos e – sobretudo – a perder a *paciência*. Lembro até hoje da cena engraçada de um homem que, numa mistura de furor e autocontentamento, me disse: “eu me irrita com facilidade”. E poucos dias antes chegou uma jovem senhora atrasada à sessão agendada e exclamou em alta voz: “gostaria de dar uma bronca no responsável por acionar os semáforos!”

Porque o reformador tem a intenção de fazer tudo “certinho” e depois posar como bom frente aos outros, quando ele se irrita, não raro entra num dilema. Isso faz com que, por dentro, ele xingue, enquanto por fora faz o jogo das boas maneiras.

Isso tudo me é bastante familiar, sobretudo dos anos em que eu era mais jovem. E hoje? Se hoje tenho a chance de pregar um prego na parede, então ele tem que “encaixar” exatamente no lugar certo. Se quero comprar um pulôver, já na quarta sugestão do vendedor tenho de prestar atenção para que ele não perca a paciência comigo. Quando escrevo um texto, só vou largá-lo quando (em minha opinião) considero que ele esteja suficientemente bom. Você já pode ver que nosso tipo se mantém fiel a nós, mas nós podemos aprender a lidar com ele. Mas ele também tem seus aspectos positivos. E sobre isso ainda falaremos bastante.

Quem é impaciente não só se irrita rapidamente, também fica facilmente estressado e passa ao largo do lado bom da existência. Não fica no presente; está constantemente lançando-se a novos desafios. Isso é exaustivo, não só para si mesmo, mas também para os outros, sobretudo quando eles têm uma outra tipologia. Quando seu parceiro ou parceira, amigos ou colegas o conhecem bem e gostam dele, quando eles têm uma boa dose de maturidade e humor, não se deixam dominar por sua impaciência e suas consequências.

Certa vez um colega contava de um passeio que fizera na neve junto com mais duas pessoas. De repente, um senhor, do tipo reformador, deslizou e afundou na neve, de modo

que só se podia ver ainda sua cabeça. E, uma vez que as duas outras pessoas logo perceberam que a situação não apresentava qualquer perigo, não vieram imediatamente socorrê-lo. A consequência: o homem que escorregara começou a xingar sem parar como maluco. Com isso, ele próprio percebeu que a situação era inofensiva. Xingava de todos os modos, de modo que os outros começaram a rir. E quanto mais eles riam, tanto mais irado ele ficava. O final da história só soa estranho para quem não conhece esse tipo. Foi só depois de colocar os pés firmes no chão com o auxílio dos dois colegas que o sorriso que esboçara de início se transformou numa gargalhada sobre si mesmo. Pois também esse tipo de comportamento é característico do reformador, sua capacidade de, com bom humor, poder rir de si mesmo.

Essa história me dá a oportunidade de abordar o lado positivo desse tipo. Ele não só pode ser bem-humorado, ele também se orienta sempre na busca de objetivos e soluções. Ele é capaz de produzir uma grande quantidade de coisas, especialmente quando se confronta com problemas. O que o acelera e o mantém em seu ritmo acelerado – mesmo que pareça estranho – são as contrariedades. Essa capacidade de superar contrariedades fortalece sua esperança. Mas, ao lado da busca por sentido, a esperança é a mais forte razão de seu viver. Quem ganha com isso são todas aquelas pessoas que estão em seu entorno, e que tendem a jogar a toalha facilmente.

Um outro ponto forte é sua capacidade de exercer autocrítica. Quando ele não exagera essa capacidade, e não a encharca com seus sentimentos de culpa, então ele comporá o grupo daqueles companheiros que às vezes podem ser encontrados e que não participam do velho jogo de empurrar a culpa para o outro, mas quando cometem algum erro, batem no *próprio* peito. Um exemplo engraçado disso:

Uma mãe (reformadora), preocupada em educar “corretamente” seu filho Lucas, de quatro anos, e, por

isso, sentindo-se sempre inclinada a corrigi-lo, pergunta preocupada a sua amiga:

“Será que não estou educando o Lucas de forma muito rigorosa? Ontem eu o perdi na loja de departamentos. E quando o chamamos pelo nome, ele respondeu: ‘Lucas, larga isso’”.

Mas a capacidade de autocrítica – e agora passamos mais uma vez para o polo oposto – possui também aspectos menos agradáveis. Visto que o reformador não é apenas autocrítico, supersensível, sua alma ferida muitas vezes projeta uma imagem nobre dele mesmo. Mas o que acontece então? Então ele se coloca acima dos outros, ele se engrandece, torna-se moralista e dono da verdade. Então ele é quem sabe tudo, ele parece ter visão e controle acima de todos os outros, ele é o único que realmente tem valor. Deixo à sua fantasia imaginar como os outros reagem a essa atitude.

Um exemplo sobre a tendência de colocar-se acima de todo mundo:

O chefe da firma encarrega sua secretária de procurar um rapaz inteligente, orientado por metas e com grande capacidade empreendedora, o qual ela considere apto para ser seu sucessor.

Mas, uma vez que ela conhece muito bem seu chefe, logo pergunta, um tanto preocupada, o que irá acontecer então com ele. A resposta é clara: “demissão”.

Mas também pode acontecer o seguinte: quem não contesta o reformador quando está irritado, mas o aconselha sobre as consequências desastrosas, evitando tocar em sua supersensibilidade, provoca sua capacidade de autocrítica e percebe que ele, que há pouco defendia seu ponto de vista de forma inexorável, com um sorriso envergonhado demonstra concordar, mostrando-se compreensivo.

Não sejamos rigorosos demais com o reformador quando está possuído pelo afã da perfeição e de grandeza, pela impaciência, pelo

desejo de ter razão e pelo melindre. Ninguém sofre mais do que ele com esse tipo de comportamento. Como ele gostaria de ser perfeito!

Mas não esqueçamos também seu lado bom: sua autocrítica, a fortaleza de sua esperança, sua busca de objetivos, seu bom humor, e sobretudo sua *possibilidade* de ser paciente. Essa possibilidade não é uma ilusão! Levar a efeito essa possibilidade é para ele o que há de mais importante, visto que todas as fraquezas que mencionamos a seu respeito se baseiam em última instância em sua falta de paciência.

## **O que pode nos ajudar a avançar?**

Agora já sabemos que a cada tipo pertencem determinados traços que podem ser simpáticos ou menos simpáticos. Para que direção vamos nos voltar primeiro?

Alguns anos atrás, minha filha me mandou uma flor. Algumas semanas depois me dei conta de que ela – a flor naturalmente – crescera “torta”. De imediato não conseguia compreender por que ela tomara precisamente esse desenvolvimento. Quando finalmente descobri a razão, abriu-se minha mente para uma ajuda vital de grande profundidade; não só para mim, mas para todas as pessoas que me procuram.

A solução do enigma? Você já sabe: eu não mudei a localização da flor. A parte virada para o *sol* cresceu bem mais e mais forte. Mas não são apenas as plantas que precisam de luz.

A “luz” de que necessita o reformador é a *paciência*. Vamos enaltecer um pouco essa virtude valorosa! Cada valor pode se transformar num ímã quando – ao dormir e ao levantar-nos, dirigindo ou no ônibus, na sala do chefe ou no restaurante, numa festa ou aos 40 minutos do segundo tempo de um jogo de futebol aparentemente já perdido etc. – sempre que possível:

- pensamos na paciência e a ela dirigimos todo nosso sentir;
- colocamo-la à nossa frente e a visualizamos;
- admitimos a ideia de que, para nós, aqui e agora e para o futuro, nada há de mais importante do que essa única coisa: a incorporação desse valor único.

Mas o que se aplica à paciência pode ser aplicado também aos outros valores e sua apropriação.

Na literatura moderna quase não se fala mais de paciência. Isso não depõe contra ela; muito pelo contrário, paciência é o contraponto ao estresse, e estresse é uma marca característica de nossa época. É claro que o estresse não é uma característica digna de honra. Estar estressado significa não poder degustar e fruir do presente. É passar a galope pelo presente.

Mas as coisas são bem diferentes com a pessoa paciente. Ela toma tempo para si. Portanto, ela tem tempo. Ela se demora nele. Nele permanece. O tempo pertence a ela. Por isso, ela pode esperar. Quem pode esperar não comete erros tão cedo. Ela se irrita muito menos e demora para se aborrecer. Deixa que as coisas que lhe venham ao encontro sigam “seu próprio curso interno” (Rilke) até amadurecerem.

Não, paciência não é monotonia. Paciência nada tem de passividade. Não é coisa de fracos e de gente sem iniciativa. Paciência é a capacidade dos livres. Ter paciência significa atravessar os dias, liberto do medo e da angústia, na consciência de que, sendo paciente, a pessoa já está na maestria da vida ou que a própria vida irá trilhar favoravelmente os caminhos a seguir.

Você afirma: na medida em que pertenço a esse tipo, falta-me a paciência para aprender “algo assim”. E onde fica seu ímpeto reformador?



## Três palavras de ouro<sup>[3]</sup>

Paciência é a primeira e a única coisa que vale a pena se aprender (Hermann Hesse).

Não há nada que o demônio mais tema do que a paciência de um ser humano (Hugo von Hofmannsthal).

Aceite as pessoas como elas são, outras pessoas diferentes não existem (Konrad Adenauer).

---

[3]. A série de “palavras de ouro” presentes aqui, tirei-as do interessante livro *Das Enneagramm der Weisheit – Spirituelle Schätze aus drei Jahrtausenden* (KÜSTENMACHER, M. (ed.). Munique, 1996).



**O auxiliador** precisa ser necessário. O que faz sentido para ele é estar sempre disponível para ajudar os outros.



# O auxiliador

Logo pela manhã, dois escoteiros queriam fazer uma boa ação. Depois de algum tempo, retornam ao acampamento. Com as roupas todas rasgadas, e aparentemente o ânimo também em frangalhos.

“O que aconteceu?”, perguntaram os outros.

“Queríamos ajudar o velho senhor lá na estrada, mas ele não queria”.

Esse caso engraçado já mostra um pouco o principal aspecto desse tipo. Ele tem a *inclinação* de ajudar os outros, mesmo que não precisem de ajuda. Isso costuma trazer algumas dificuldades.

Conheço muitos homens auxiliadores que gostam de se chegar à cozinha, que de mansinho tomam das mãos da esposa a salada, os talheres ou os temperos na intenção, para eles louvável, de diminuir o trabalho da esposa. Mas suponhamos que ela não goste disso? Se hoje, por exemplo, ela se sente muito bem fazendo seu trabalho? Se ela, não só hoje, mas em geral de certo modo teme essa disposição do marido em ajudar? Mas eu também conheço mulheres auxiliadoras que perguntam a outras pessoas como estão se sentindo na esperança de poder ajudar, e que se sentem decepcionadas quando por acaso percebem não poder ajudá-las.

Muitas vezes – é preciso que uma vez se diga isso – o auxiliador impõe sua ajuda ao outro. Mas se ele não alcança seu objetivo, às vezes não se sente inibido em lançar mão de suas “habilidades” de manipulação ou de bajulação. Então diz por exemplo: “Acredite, você não me parece estar bem. Eu estava indo de qualquer modo para o mercado. De modo que posso certamente trazer o que você precisa”.

Você poderá perguntar com razão: Não estamos constantemente reclamando que está diminuindo muito a disposição das pessoas em ajudar? Certamente. Mas, como dizia o filósofo Arno Plack: “Mais uma boa ação contra minha vontade – e eu estarei perdido”. É bem diferente se alguém precisa realmente de ajuda – ou se essa ajuda lhe é oferecida. E é aqui que está o problema!

E atenção! Dialogar com o auxiliador tem muitos empecilhos. Não é tão fácil fazê-lo compreender o motivo de recusarmos sua ajuda bem-intencionada, em sua opinião. Quando isso acontece, para surpresa do outro, sob a afabilidade do auxiliador pode começar a aparecer certa rispidez.

O auxiliador precisa que necessitem dele. Por quê? Porque, quando ajuda muito e muitas vezes, ele tem a impressão de que sua vida tem importância; porque, quando ele se faz presente na vida de outras pessoas, vê que sua vida tem sentido.

Mas ele não tem essa sensação ao ajudar quando a situação o exige? Sim. Também ali ele tem essa sensação. Mas tem também a propensão de fazer para os outros *mais do que o necessário*. Essa compreensão de si mesmo e da vida faz parte de sua própria tipologia. Para ele, compreender a si mesmo e a sua vida desse modo é algo natural e imediato. É só quando descobre que, via de regra, não age livremente, mas constrangido pela necessidade condicionada por sua tipologia, que começa a procurar seu sentimento de autoestima e de sentido de modo diverso: a saber, em si mesmo e nas tarefas que sua alma lhe sugere. Quando compreende esse nexos, já vislumbra de longe a bandeira da liberdade.

Você já pode imaginar que o auxiliador só permite receber de presente uma única coisa. Dá para adivinhar: reconhecimento e gratidão, e se possível não modestamente. E a pessoa que foi ajudada sente-se obrigada a essa gratidão, sobretudo quando o auxiliador deixa atrás de si ricas “pegadas com perfume de

caridade”, como formulou ironicamente um grande conhecedor do eneagrama. Mas quem busca gratidão não deve se surpreender se não se sair como gostaria.

Droga! Agora estou com a consciência pesada. Mas isso acontece a muitos, quando não analisam com precisão a motivação do auxiliador, que nem sempre é clara. Pois o que seria do mundo sem ele? Não foi sempre assim, que a caridade é a primeira das virtudes? Ora, antes que os sentimentos de culpa tomem conta de mim, o reformador, passo logo para o outro lado do sol de nosso tipo, e faço-o com gosto.

Seria muito ruim se quiséssemos chamar de egoístas *todos* os seus esforços. Muito do que ele faz é sincero, consciente da sua responsabilidade e realmente fecundo. E merece agradecimento por isso. E visto que seu entusiasmo irradia calor e simpatia, muitas pessoas que têm contato com ele sentem-se valorizadas. Essa valorização pode ser bem concreta: o auxiliador busca e desencadeia dons, talentos, o bem nas pessoas. Se nesses tempos críticos houvesse mais dessas “parteiras” do espírito e da alma, nosso mundo não seria tão frio. Se houvesse mais pessoas que, querendo ser “realistas”, descobrissem nos outros não apenas os defeitos, mas também os valores amorosos, não haveria no mundo tanto medo e angústia.

Sempre leio que o auxiliador é por demais orgulhoso para permitir ser ajudado. Mas duvido dessa afirmação, até o momento incontestada. Creio que seja tão difícil para ele abandonar sua “síndrome de ajudador” porque lhe parece ser a única possibilidade de afrontar a si mesmo. Isso desperta compaixão em mim. Mas muitos auxiliadores amadurecidos demonstram que é possível libertar-se dessa síndrome. É para nós uma alegria encontrar-nos com essas pessoas e experimentar sua disposição em ajudar, agora atuando de forma discreta.

## O que pode nos ajudar a avançar?

O valor que é decisivo para a formação da personalidade do auxiliador se chama: *amor a si e aos outros*.

Você poderia dizer que esse é um programa muito amplo e, além disso, perguntar se a realização desse valor será mesmo boa para todos. Você tem razão. Portanto, diminuamos o programa. Se o auxiliador confiar nisso, mesmo em “formato” menor, poderá alcançar muitas coisas.

Eu pergunto a você, caro auxiliador: Você quer me ajudar a compreendê-lo melhor?

Quais são os desejos que você tem cravados no fundo de si mesmo e quais são os que estão na superfície? Começemos pelos últimos:

Que tal uma nova ida ao teatro, um concerto ou uma viagem? Já faz muito tempo que você não compra uma roupa nova para si mesmo, que não se permite ir a um café? Gostaria de ir passear novamente? Nada mais?

Você afirma que essa sugestão e outras semelhantes não lhe dizem nada, seriam muito banais? Não concordam com seu estilo de vida? Você não tem tempo para isso? Vamos interrogar o coração! Olhando mais de perto, não encontra nenhum desejo desse gênero? O que está escondido por baixo da superfície, de imediato está oculto.

E os desejos que você guarda bem lá no fundo? Procurá-los requer um pouco mais de esforço. Desejos profundos? Com isso, tenho em mente um âmbito ao qual você pode simplesmente chamar de “alma”. O que *ela* gostaria de modificar? Quais os desejos que ela coloca para você? Será que ela não precisa de sua atenção e ajuda? Será que se não perguntarmos à alma quais seus desejos, com o tempo ela não acaba perdendo a capacidade de amar?

Você diz que não quer ser egoísta. Com isso concordo plenamente, pois ser egoísta significa trilhar o caminho para a infelicidade.

E quem não é egoísta, portanto? Alguém que vive as duas coisas: o amor aos outros *e* o amor a si mesmo. Por que as coisas são assim? Porque, enquanto seres humanos, somos essas duas coisas: indivíduos e seres comunitários e assim somos desafiados a existir e acolher as duas coisas: para os outros e para nós mesmos.

### Três palavras de ouro<sup>[4]</sup>

Quando menos se precisar dos seres humanos, tanto mais eles desejam por alguém (Friedl Beutelrock).

Não se ama o outro se não se permite que ele nos presenteie com alguma coisa (Provérbio nigeriano).

Não pense em mim o tempo todo, uma vez na vida também quero estar sozinho (Autor desconhecido).

---

[4]. A série “palavras de ouro” encontra-se no interessante livro *Das Enneagramm der Weisheit – Spirituelle Schätze aus drei Jahrtausenden* (KÜSTENMACHER, M. (ed.). Munique, 1996).